
“Risca Faca” sob a ótica do Jornalismo Literário e da Semiótica Discursiva¹

Jéssica ANTUNES²

Sandra Sueli Garcia de SOUSA³

Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro

Resumo

Este artigo analisa a presença do Jornalismo Literário no site “Risca Faca”. O corpus são dois textos do “Risca Faca” selecionados por editoria e publicados em 2016. A partir da produção desses conteúdos, busca-se entender: se o jornalismo literário tem espaço nos veículos atualmente; se tem a capacidade de atrair e envolver o leitor, além de informar e verifica-se ainda a forma como ocorre esse envolvimento. Para tanto, utilizamos a Semiótica Discursiva como método analítico.

Palavras-chave: jornalismo literário; semiótica discursiva; inovação; Risca Faca;

Introdução:

O Jornalismo Literário, nascido por volta de 1960, é um gênero textual que veio para se diferenciar da maioria dos textos jornalísticos convencionais. Estes precisavam seguir um padrão quanto à organização das informações: dispostos não em uma ordem cronológica, mas sim de forma hierárquica, onde os fatos mais importantes ficam no começo do texto; essa forma tradicional de se fazer jornalismo não admite figuras de linguagem e exige o máximo de objetividade, o que pode tornar os textos um tanto óbvios e pouco atrativos.

A partir daí, o Jornalismo Literário foi ganhando espaço nas redações: com a proposta de sair do óbvio e retratar de forma mais fiel e humanizada as histórias da vida real. Se preocupando não só em contar os fatos, mas também em entender o contexto social e humano no qual estão inseridos. (LAGE, 2002, LIMA, 2013)

Nesse sentido, o objetivo deste trabalho é entender a presença do jornalismo literário no site “Risca Faca” que traz uma inovação na forma de trabalhar o jornalismo. Além de compreender questões como: até que ponto o Jornalismo Literário está presente nas

¹ Trabalho apresentado no IJ 1 – Jornalismo do XXII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste, realizado de 22 a 24 de junho de 2017

² Graduanda do Curso de Jornalismo da UFRRJ, participante do programa de Iniciação Científica – CNPq – UFRRJ, e-mail: jessica.m.antunes@gmail.com

³ Orientadora do Trabalho. Professora do Curso de Jornalismo da UFRRJ, e-mail: sandragarc@gmail.com

grandes reportagens atualmente e como os textos podem envolver o público leitor. Para isso, o método usado foi realizar pesquisas bibliográficas sobre Jornalismo Literário, sobre convergência de mídia para entender aspectos do jornalismo digital e sobre Semiótica Discursiva, teoria que será usada para realizar a análise do material. O site “Risca Faca” foi selecionado como objeto de estudo em razão de seu conceito inovador quanto a escolha de temas e formato de textos.

Como surgiu o Jornalismo Literário

Para compreender o que é Jornalismo Literário é necessário, primeiro, contextualizar e situar historicamente em que momento surgem os estímulos mais primários desse gênero jornalístico.

Ainda no século XIX, o jornalismo não era um meio de comunicação de massa. Quem fazia uso desse conteúdo eram, predominantemente, as elites intelectuais, políticas e econômicas, que certamente faziam parte de uma minoria privilegiada da sociedade. (LIMA, 2013)

No entanto, o mundo do século XIX - sobretudo Estados Unidos e Europa - passava por diversas mudanças como crescimento de cidades, expansão do capitalismo, desenvolvimento da indústria, produção em larga escala, além das grandes concentrações populacionais nos centros urbanos. Essas mudanças construíram a sociedade de consumo, o que acabou por influenciar, inclusive, o modo de se fazer jornalismo. Os jornais também passaram a ser produzidos em larga escala, visando atingir um número maior de leitores. Para conquistar outro tipo de público, além da elite, era necessário adequar a linguagem jornalística, tornando-a mais simples e deglutível até para as classes mais populares.

Paralelamente a essa nova tendência de mercado, os Estados Unidos passaram por um guerra civil entre 1861 e 1865. Os jornais precisavam cobrir esse acontecimento de maneira rápida e eficiente. O sistema de telecomunicação que se utilizava para transmitir as informações do local da guerra para as redações era o telégrafo. Consistia na transmissão elétrica de mensagens codificadas através de uma rede interligada por postes e fios suspensos (LIMA, 2013). Esse sistema além de custar caro, possuía falhas

em que muitas vezes impediam a transmissão de informações até o fim. Por esse motivo, os repórteres desenvolveram técnicas de encurtar as notícias. Para isso, concentravam os fatos mais importantes no início do texto, deixando detalhes e informações secundárias para o fim.

Nasce, assim, o conceito de *lide*, que seria a estratégia de organizar as informações importantes no início do texto, respondendo os seguintes elementos básicos: o que, quem, onde, quando e por quê? O *lide* também se tornou uma ferramenta para produzir textos objetivos e diretos, sem margem para a subjetividade.

Mesmo fora do contexto de guerra, o *lide* passou a ser fortemente usado pelas redações de todo o mundo, justamente pela simplicidade capaz de conquistar, inclusive, a massa de escolaridade baixa e inglês precário.

Tudo parecia muito coerente e eficiente, até que certos repórteres passaram a discordar do uso dessa estrutura textual. Esses profissionais acreditavam que ao omitir os detalhes e o contexto dos fatos, os jornalistas estavam, na verdade, traindo a verdade contextual das coisas. Usar o *lide* era como reduzir de forma muito pobre um acontecimento muito mais amplo.

O texto literário foi visto como solução para o empobrecimento que o *lide* causava à notícia. As atmosferas psicológica e social podiam ser trabalhadas, bem como as emoções e os sentimentos dos personagens. Um dos primeiros a escrever dessa forma foi William Howard Russell, que escreveu para o jornal inglês *The Times* também no período da Guerra Civil Americana. (LIMA, 2013)

No entanto, tudo o que havia sido produzido que se aproximava do jornalismo literário antes dos anos de 1960 não possuía classificação específica sobre tipo de texto e muito menos a pretensão de se tornar um gênero jornalístico reconhecido. Mas aconteceu. Motivado pela onda de contracultura que rondava os Estados Unidos, somado ao já existente descontentamento com a simplicidade do *lide*, uma nova fase do jornalismo chamada '*New Journalism*' ganhou força nos anos de 1960 e 1970. Agora os textos de romance da vida real estavam estampados em grandes veículos, como os jornais *New York*, *Herald Tribune*, as revistas *The Rolling Stone* e até a *Playboy*.

Alguns nomes, como o do jornalista norte-americano Tom Wolfe estão

diretamente ligados ao surgimento do jornalismo literário. Ele foi considerado um dos fundadores do *New Journalism* por ter padronizado a junção da literatura e do jornalismo em um único gênero. No Brasil, alguns escritores também contribuíram para o progresso do Jornalismo Literário. Euclides da Cunha, ainda em 1902, lançou a obra “Os Sertões” sobre a Guerra de Canudos e impressionou com sua forma de escrever antes jamais vista na literatura. Outro nome importante é João do Rio, que foi o primeiro jornalista em tempo integral do país e escrevia sobre a era moderna do Rio de Janeiro para o jornal Gazeta de Notícias.

Características do Jornalismo Literário

O Jornalismo Literário nasceu também da necessidade de construir narrativas de uma forma diferente do que já se fazia antes. As reportagens de jornalismo literário, por exemplo: não têm a obrigação de ser periódico nem atual; possui maior contextualização quando comparado ao texto de jornalismo diário; se preocupa em exercer a cidadania pensando em como sua abordagem pode contribuir para a formação do cidadão e rompe com a ideia de *lide*, dando espaço para uma interferência subjetiva ao texto. (PENA, 2006)

Para Tom Wolfe (Tom Wolfe apud PENA, 2006), quatro recursos básicos compunham o Novo Jornalismo:

- Reconstruir a história cena a cena
- Registrar diálogos complexos
- Apresentar as cenas pelo ponto de vista de diferentes pessoas
- Registrar características simbólicas do personagem

Em todas as definições, o jornalismo literário se mostra como uma forma de informar que não se limita só aos fatos crus, mas se interessa também nas histórias que existem por trás. É onde se constroem narrativas humanizadas, que exploram as sensações dos leitores e os levam direto para outro cenário. Preocupa-se em narrar as cores, os sons e até o cheiro. E, diferente da grande mídia, não tem medo de abusar dos adjetivos, dos personagens e dos enredos. O jornalismo literário é o jornalismo das emoções.

O jornalismo literário pode exercer uma função psicológica, ao explorar histórias centradas em indivíduos para desvendar a pessoa em si, compreendendo-a na sua complexidade e nos seus contrastes de ser humano único e singular. Também pode desempenhar um papel de conotação sociológica, ao traçar retratos de situações e de grupos sociais para entender o quadro social em que os fatos se inserem. Além de, claro, exercer o papel literário, graças a sua estrutura narrativa e sua intensidade gramática.

O texto tem o que a escola literária do realismo social pede: realidade, lugar, personagens. Tem o que a sociologia espera: figuras reais, típicas de um grupo social específico, observação, levantamento qualitativo estético (narrativa, no caso), imaginação criativa para enxergar a realidade sob um prisma diferenciado. Tem sabor literário, com estilo e autoria. Mas é jornalismo literário: arte narrativa da vida real. Com uma mão de ciência; qualitativa, pelo menos. (Lima, 2013, p. 56)

Com o objetivo de analisar as matérias do veículo “Risca Faca”, a teoria da Semiótica Discursiva foi escolhida por apresentar ferramentas de trabalho muito consistentes e operativas.

Semiótica Discursiva

A Semiótica Discursiva, ou Semiótica Francesa, parte do pressuposto de que todo texto segue uma lógica subjacente geral. Isso significa dizer que existe sempre uma estrutura lógica que se repete em qualquer texto. Antes, é necessário pontuar o que se entende por texto: não se trata apenas de textos-verbais, mas sim os visuais, os musicais e etc. Texto, então pode ser um artigo de revista, uma pintura, uma escultura e até um *jingle*. (GOMES e MANCINI, 2007)

Independente de qual seja o tipo de texto referido, Algirdas Julien Greimas, fundador da teoria da Semiótica Greimasiana, identificou pontos em comum na estrutura que auxiliavam na construção de sentido das mensagens. E é exatamente disso que trata a semiótica, é uma metodologia de análise que procura entender e explicitar os mecanismos de construção de sentido no texto.

Greimas, nos anos de 1960, começa pontuando algumas definições técnicas sobre a constituição dos textos. Segundo o autor, todo enunciado possui um enunciador, que é quem fala no texto, e o enunciatário, que é o público para quem se fala, ambos

constituem o chamado sujeito do enunciado. E é justamente a interlocução entre enunciador e enunciatário que constrói as especificidades dele, já que o enunciador deixa sua marca no enunciatário ao se relacionar com ele.

É importante destacar que o enunciador não é uma pessoa que fala, mas sim a voz que emana do texto:

Uma ilustração rápida deste argumento é o fato de que todo texto infantil, por exemplo, carrega em si as marcas que nos indicam que seu enunciatário é uma criança, independentemente de sabermos ou não os dados biográficos ou anedotas circunstanciais que envolvem a obra. (GOMES e MANCINI, 2007 e p. 02)

O enunciado é dividido em três níveis, que estabelecem a análise que compõem o percurso gerativo de sentido. Conforme descrito por Regina Gomes e Renata Mancini, são eles:

- 1) Nível Discursivo: o nível mais superficial e de maior concretude, onde se situam as estratégias de projeção do sujeito da enunciação, mais especificamente no que tange à projeção das categorias dêiticas de pessoa, espaço e tempo (sintaxe discursiva). Neste mesmo nível, devem ser enquadradas as relações entre temas e figuras (semântica discursiva) determinadas pela mesma enunciação.
- 2) Nível Narrativo: este é um nível mais abstrato, em relação ao primeiro, em que se situa a sintaxe narrativa (base comum do enunciado narrativo). Esta sintaxe prevê uma estruturação mínima que, a princípio, serviria de base para qualquer enunciado e que se baseia nas relações juntivas estabelecidas entre um sujeito e um objeto de valor (o que será mais bem explicado mais abaixo).
- 3) Nível Fundamental: nível em que se estabelece o eixo semântico sobre o qual o texto se constrói e em que, através do quadrado semiótico, representa-se graficamente a sintaxe sumária das transformações que ocorrem entre os termos de uma categoria semântica. Tal sintaxe funda-se em relações de contrariedade, contradição e implicação, que são as responsáveis pelas articulações mínimas de uma narrativa.

No nível narrativo, está sempre presente a ideia de um sujeito que está em busca de um objeto-valor (que representa um objetivo, uma meta) e há sempre o anti-sujeito, que seria a pessoa, circunstância ou situação que dificulta que o sujeito alcance seu objeto-valor. Essa estrutura foi identificada em qualquer tipo de texto, seja ele um livro,

uma canção, um clipe ou um filme.

O nível fundamental nada mais é do que a circunscrição da categoria semântica principal responsável pela organização do texto. Trata-se do eixo de sentido principal presente no texto e suas circunstâncias que pode ser de contrariedade, contradição ou implicação. (GOMES e MANCINI, 2007)

Assim, podemos dizer que tanto uma matéria que critica o tratamento dos prisioneiros em Guantánamo pelo governo americano, quanto uma reportagem sobre as diferentes possibilidades que se abrem para deficientes físicos com as ferramentas da Internet se assentam sobre a categoria liberdade vs opressão. Ou seja, esses são os pólos em torno dos quais os elementos do texto se organizarão. (GOMES E MANCINI, 2007, p.4)

O nível discursivo é o responsável pela produção de efeitos de sentido. Também é onde se encontra as respostas para as seguintes perguntas: Quem são as pessoas do texto? Em que tempo? Em que espaço?

Trata-se da etapa da produção de sentido em que o enunciador leva o enunciatário a crer no seu discurso e direciona sua interpretação, agindo como manipulador. Assim como o enunciatário recebe as informações a partir de suas representações pessoais sobre a construção do texto.

Essa relação entre enunciador e enunciatário só é possível graças a um conjunto de referências contextuais e situacionais presentes do discurso, as chamadas debreagens. As debreagens são divididas entre enunciativa e enunciva, onde:

Enunciativa - o sujeito da enunciação projeta um eu-aqui- agora que produz um discurso em 1ª pessoa, simulando o espaço e tempo em que o discurso é enunciado, criando o efeito de sentido de subjetividade.

Enunciva - é projetado um ele-alhures-então, produzindo um discurso em 3ª pessoa, além de um espaço e tempo não coincidente ao da enunciação, produzindo o efeito de sentido de objetividade. (GOMES e MANCINI, 2007)

Para a análise de textos pertencentes ao jornalismo literário, usaremos a debreagem enunciva, já que esse gênero trata de um estilo mais humanizado e

subjetivo, como já vimos anteriormente.

Sobre o Risca Faca: “Jornalismo, cultura, comportamento e um tiquinho assim de carimbó”.

Com propostas inusitadas desde a escolha de pauta até o próprio nome do site, o “Risca Faca” é um site jornalístico de cultura e comportamento, nascido no segundo semestre de 2015, criado pela produtora de conteúdos f451. Segundo eles mesmos, sua proposta é fugir da cobertura que somente acompanha o ritmo das redes sociais e mostrar histórias novas e marcantes de forma diferenciada.

Sabemos que a internet é grande e já tem muita coisa rolando por aí, mas acreditamos que há espaço para certos conteúdos que sentimos falta em nosso cotidiano: jornalismo aprofundado, grandes histórias, personagens interessantes, análises incomuns. Sim, a internet é enorme, mas sempre há histórias incríveis que ainda não foram contadas. (RISCA FACA, s.a.)

Através de grandes reportagens, materiais audiovisuais e até histórias em quadrinhos, o “Risca Faca” trabalha com as editorias de cultura, cinema, televisão, música, comportamento, história, investigação, perfil, sociedade e até games. O veículo possui *design* simples, moderno e objetivo. Trabalha bastante com recursos audiovisuais e gráficos e também faz uso de uma linguagem jovem, com marcas de oralidade e tom de informalidade. A profundidade de suas histórias faz com que o leitor esqueça que está lendo uma matéria jornalística e faz se sentir numa mesa de bar ouvindo histórias dos amigos. Inclusive, a proposta é essa mesmo, já que “Risca Faca” é uma gíria comum no nordeste do Brasil que significa “bar de origem matuta com clientes loucos”.

Para analisar se há presença de jornalismo literário no Risca Faca, apresentamos a seguir dois textos do site. Os textos foram escolhidos a partir do tema tratado, por serem de cunho social e por provocarem, de alguma forma, reflexão a quem lê.

Análise do texto: “A garota de lugar nenhum”.⁴

⁴ Disponível em: <http://riscafaca.com.br/sociedade/garota-de-lugar-nenhum/>. Acesso: 10 de

O texto “A garota de lugar nenhum”, publicado em 20 de setembro de 2016 na editoria Sociedade, por Cláudio Goldberg Rabin, conta de uma maneira única a trajetória de Maha Jean Mamo, uma jovem apátrida que agora vive no Brasil.

Maha conta sua trajetória burocrática para conseguir ter documentos e assim, se identificar como pertencente a algum país. As dificuldades se davam desde frequentar a escola até uma ida ao médico, tudo parecia impossível sem identificação. Só aos 26 anos isso foi possível, depois de inúmeras tentativas em seu país de origem e também nas embaixadas de dezenas de outros lugares. Ela contava sua história para quem pudesse ajudar, até à ONU, recorreu. Mas foi o Brasil, que depois de muito tempo, finalmente deu passaporte e visto para Maha e seus irmãos, permitindo assim que eles viajassem para cá. Aos poucos, os irmãos apátridos foram se organizando. Conseguiram uma família que os acolheram no Brasil e foram obtendo documentos aos poucos. Maha estavam quase encaminhada, quando foi surpreendida pela notícia que seu irmão havia sido assassinado em um assalto no Brasil. Agora, Maha tem mais pressa ainda em se tornar oficialmente cidadã brasileira.

“Não quero mais estar numa prisão. Eddie morreu sem realizar os sonhos dele, sem ver meus pais novamente, sem ter uma família, sem poder viajar, sem ser livre. Eu preciso achar outra solução e pressionar para a criação de uma lei que permita aos apátridas receberem a nacionalidade.” (MAMO, 2016)

O texto é recheado de adjetivos, de opinião e de emoção. O autor se utiliza de muitas aspas da entrevistada e também faz questão de ambientar o leitor onde estavam, ele e a personagem, quando e quais sentimentos sentiam na hora, em um estilo bem Jornalismo Literário. Outras características do Jornalismo Literário presentes no texto são: quebra com a expectativa do *lide*, aprofundamento do personagem, destacando suas características físicas e emocionais e inferência subjetiva na escrita da matéria.

Analisando o texto conforme a Semiótica Discursiva, é possível notar alguns

pontos. O nível discursivo, que se refere ao espaço e tempo, nesse texto, consiste em uma conversa entre entrevistador e entrevistada em uma sorveteria em Ibitinga, São Paulo. Ao decorrer do texto, o autor acompanha Maha em diferentes locais em momentos diferentes. O enunciador seria a menina que não tem Pátria, através das palavras do autor do texto. O Enunciatário somos nós, leitores do “Risca Faca”. A debreagem utilizada é a enunciativa, que permite o uso da 1ª pessoa e possui subjetividade, como mostra o fragmento extraído do texto:

Naquele momento, ela tinha deixado a sobremesa de lado e eu tinha acabado um capuccino doce demais. O ambiente da sorveteria Slechi parecia colorido e descontraído demais em contraste com a história. Apesar de tudo, Maha é vivaz, enérgica, e narra a própria história sem autocomiseração e sem aquele artificialismo narrativo de uma palestra do TED. Ela se conecta rápido com as pessoas porque transmite sinceridade. Ri, gesticula, bate no gravador e mistura algumas palavras em português no meio do papo. Tem cabelos curtos, escuros, onde se percebe alguns fios brancos, e olhos bem grandes, cujas pálpebras se abrem com força e deixam à mostra a íris escura banhada por todos os lados pelo branco do globo ocular. São olhos bem abertos, de quem viu pouco do mundo, mas tem gana de ver tudo o que for possível. (RABIN, 2016)

Já o nível narrativo, que é por onde passa a história, consiste nas dificuldades que uma jovem, filha de pais sírios que possuíam religiões diferentes e por isso eram proibidos de casar, enfrentou por não ter nenhum documento. Os pais de Maha fugiram da Síria para viverem juntos, no entanto, Maha e seus irmãos ficaram apátridos. Ou seja, não tinham nenhum vínculo a uma nacionalidade e nenhuma prova de reconhecimento oficial pelo Estado. Ao decorrer desta narrativa é possível enxergar a estrutura *sujeito - anti-sujeito - objeto valor*, organização a qual Greimas identificou presente em todos os tipos de texto. O sujeito é Maha, o anti-sujeito são as burocracias que existem para se conseguir obter documentos quando se é um apátrida e o objeto valor é conseguir um passaporte para assim, conseguir viajar.

Greimas admite que todo processo comunicativo trata-se de uma relação de manipulação entre enunciador e enunciatário. Neste texto o uso de falas diretas através das aspas serve como recurso para essa manipulação. Isso significa dizer que as aspas

de Maha servem para dar ao enunciatário a sensação de verdade e de que tudo o que está sendo contado é real.

“Eu tinha oito anos quando comecei a perceber. Participava de corridas na escola, ganhava, mas não podia participar das competições de fora. Era escoteira desde pequena e, quando eu tinha 15 anos, nosso grupo todo foi pra Jordânia. Eu não pude ir. Era um choque atrás do outro”, me disse Maha em uma sorveteria no centro de Ibitinga, município de 50 mil habitantes no noroeste paulista. (RABIN, 2016)

É interessante perceber que a seleção do que ficaria em primeira pessoa, em aspas, é sempre um relato da vida pessoal de Maha ou uma emoção. Essa seleção certamente foi feita pelo o autor do texto e dá mais credibilidade ao que é dito. O texto, que tem mais de cinco laudas, é bem detalhado e viaja de forma profunda na história da jovem, mostrando não só a vida pessoal dela, mas também informando ao leitor o que é um apátrida e as suas dificuldades, já que é um assunto pouco comentado. Cinco imagens grandes também acompanham a matéria, que retratam a jovem, os documentos que ela tanto demorou pra conseguir e uns objetos pessoais.

Análise do texto “Bem- vindo ao inferno do Presídio Central”.⁵

A reportagem “Bem-vindo ao inferno do Presídio Central” foi publicada em 21 de janeiro de 2016 na editoria comportamento e escrito por Carla Ruas. O texto é muito longo e trata com muita profundidade a história do Presídio Central de Porto Alegre, o presídio que foi considerado o pior do país.

Em 2009 em os parlamentares ainda advertiram que o Presídio Central era a pior cadeia do Brasil, uma verdadeira masmorra do século 21. “Em buracos de 1 metro por 1,5 metro, dormindo em camas de cimento, os presos convivem em sujeira, mofo e mau cheiro insuportável. Paredes quebradas e celas sem portas, privadas imundas (a água só é liberada uma vez por dia), sacos e roupas pendurados por todo lado... uma visão dantesca, grotesca, surreal, absurda e desumana. Um descaso!” (RUAS, 2016)

⁵ Disponível em: <http://riscafaca.com.br/comportamento/a-chave-do-casarao/> Acesso em: 10 de abril de 2017.

A história começa contando minuciosamente um motim que aconteceu em 1995, durou 48 horas, teve muitos reféns, mobilizou o estado inteiro e causou algumas mortes. Tentativas de fugas e rebeliões eram extremamente comuns no Casarão, como era conhecido o presídio, por conta de sua estrutura precária, que acabavam por estressar os presos. Muitos governadores prometeram demolir a construção e realocar os presidiários em cadeias que seriam construídas, mas isso nunca aconteceu. A reportagem passa por todos esses mandatos, de 1995 até 2015. Com isso, as condições de vida na prisão foram ficando subumanas e um acordo inusitado foi feito entre policiais militares, que tomavam conta do presídio, e presos. Os encarcerados, agora, andavam livremente pelas celas, administravam suas galerias e organizavam seus negócios sem a interferência da polícia desde que garantissem que ninguém tentaria fugir mais. A polícia tomou essa decisão arriscada como uma tentativa de evitar que a panela de pressão que o Casarão se tornou, estourasse.

Durante a narrativa, o leitor pode, facilmente, esquecer que está lendo uma matéria jornalística. Todo o tom de romance, com riqueza de detalhes, descrição dos ambientes, das pessoas, das ações fazem com que a reportagem pareça um livro literário por causar envolvimento e até curiosidade sobre o que vai acontecer depois. Apesar disso, é rico em dados, números, informações reais que dão mais credibilidade ao texto e também traz um tom muito crítico em relação ao Estado. Outras características do Jornalismo Literário estão presentes no texto, como: descrição psicológica dos personagens ao externar para o leitor suas emoções e sentimentos; inserção de diálogos; ambientação dos fatos narradas; emprego de técnicas literárias para dar emoção ao texto; fuga das regras tradicionais do jornalismo.

Outro ponto que se destaca na matéria são as imagens que a ilustram. Tratam-se de fotografias muito bem produzidas que mostram pertences dos presos, dependências medonhas do presídio, armas utilizadas além de uma ilustração animada que serve tanto para ilustrar quanto para informar, por possuir um resumo dos fatos narrados através de frases curtas que passam pela tela.

Sob a ótica da Semiótica Discursiva, no nível discursivo a debreagem enunciativa é utilizada, por conter 1ª. pessoa tanto nas aspas quanto na voz do jornalista

que escreve a matéria, é cheia de adjetivos e de subjetividade e não tem o menor interesse em escondê-lo. Afinal, é isso que transforma a história e dá o tom de Jornalismo Literário. As aspas tanto de detentos, quanto de policiais e advogados estão presentes no texto e estão diretamente ligadas a questão de manipulação que o enunciador (vozes do texto) tem em relação ao enunciatário (leitores). Isso se dá porque as aspas agem como recurso de persuasão porque oferece a sensação de realidade que é extremamente importante na construção de sentido que o texto traz.

No nível discursivo, o tempo que o texto trabalha é cronológico e oferece uma viagem de 1955 até 2015, sempre dentro do Casarão, que seria o espaço. A estrutura sujeito - anti-sujeito - objeto-valor também está presente através dos presidiários buscando melhores condições de vida dentro da prisão e tendo como barreira a falta de recurso, de compromisso e até de competência do Estado

Considerações Finais

O Jornalismo Literário está, inegavelmente, presente no site Risca Faca. Além das matérias analisadas existem dezenas de outros textos que se enquadram no gênero. Quanto às duas matérias analisadas, elas possuem características sólidas, como analisado anteriormente, que comprovam o uso do Jornalismo Literário no site. É importante destacar que não é todo o site que se enquadra no gênero, já que também trabalham com críticas de cinema e televisão, por exemplo. Quanto à produtividade, o site peca em ainda não ter produzido nada este ano. Talvez por trabalharem com grandes reportagens que exigem apuração extensa.

Pode-se notar que os textos, além de informar, envolvem o leitor, graças a profundidade com que são trabalhados. O leitor consegue perceber que os assuntos foram de fato estudados e apurados devido a riqueza de detalhes, que conquistam e estimulam a querer ler o texto até o fim. Além da forma de escrever que envolve, o próprio formato do site seduz com a quantidade de imagens bem produzidas, ilustrações, quadrinhos e até mesmo com a sua organização, que permite que o leitor selecione o tamanho (entre PP, P M, G E GG) do texto que quer ler no momento.

REFERÊNCIAS

LIMA, Edvaldo Pereira. **Jornalismo literário para iniciantes**. Edusp, 2013.

PENA, Felipe. **Jornalismo Literário**. Contexto, 2006.

FONSECA, Karla Mariana Gondim. **Jornalismo Literário: uma análise da coluna de opinião de Eliane Brum para a revista Época**. 2015. Disponível em:
<<http://www.portalintercom.org.br/anais/sudeste2015/resumos/R48-0534-1.pdf/>>. Acesso em:
31 março 2017.

GOMES, Regina e MANCINI, Renata. **Textos midiáticos: uma introdução à semiótica discursiva**. 2007. Disponível em:
<<http://www.filologia.org.br/ixfelin/trabalhos/pdf/66.pdf/>> Acesso em: 16 março 2017.

RABIN, Cláudio Goldberg. **A Garota de lugar nenhum**. 2016. Disponível em:
<<http://riscafaca.com.br/sociedade/garota-de-lugar-nenhum/>> . Acesso em: 10 abril 2017.

RUAS, Carla. **Bem-vindo ao inferno do presídio Central**. 2016. Disponível em:
<<http://riscafaca.com.br/comportamento/a-chave-do-casarao/>>. Acesso em: 10 abril 2017.